



OCULTISMO

18. PLATONISMO

O mundo visível em que vivemos é sombra, ou símbolo, de um outro mundo superior.

Sublinhados de Pessoa.: «The rosicrucians, their rites and mysteries».

Hargrave Jennings.

teignible to the *material* as music, but beautiful to the

heart as Music.

Yet it must be understood that no man's *dreams* (dreams, we have elsewhere contended, quite contrary to the usual ideas, are *real things*) are wholly and altogether evil and vain; for that cannot be except men were utter (or utter) devils, which also cannot be so long as we live in the human nature, for Man's Fall was not like the Fall of the Evil Angels; for these latter fell into the Dark Abyss, or Original Wrathful Principle (the Rosicrucian 'Refuse' or 'Loss' of Creation, without, or beyond, nature and creature, and therefore there was for them no help or recovery). But, on the contrary, Men fell and were saved thereby (the Knowledge of Good and Evil), that is, into Nature and Creature, which is Man's inexpressible happiness, as not being left destitute of Hope or the Regenerating Seed of the Woman. For there does centrally dwell in the human nature that which the wise man calls the Voice of Wisdom, or conscience-call; which in the suggestion of the Immortal Sorrow planted deep in the soul of man for his 'Lost Paradise' (of which the very air and hint and proof to him, is Music—Man's Music—with its shadow of discords). And this Immortal Sorrow lan-

«O verdadeiro significado da iniciação é o de ser quanto vemos ilusão.»

Oc.

Mas o significado real da iniciação é que este mundo visível em que vivemos é um símbolo e uma sombra, que esta vida que conhecemos através dos sentidos é uma morte e um sono, ou, por outras palavras, que o que vemos é uma ilusão. A iniciação é o dissipar — um dissipar gradual, parcial — dessa ilusão. A razão do seu segredo é que a maior parte dos homens não está adaptada a compreendê-lo e, portanto, compreendê-lo-á mal e confundi-lo-á, se for tornado público. A razão de ele ser simbólico é que a iniciação não é um conhecimento, mas uma vida, e o homem deve, portanto, descobrir por si o que mostram os símbolos, porque, assim, viverá a vida deles, não se limitando a aprender as palavras em que são mostrados.

Dizer que Cristo é um símbolo do Sol é pôr o processo iniciatório ao invés. É o Sol que é o símbolo de Cristo. Por outras palavras, Cristo é a realidade e o Sol a ilusão, Cristo é a luz, e o Sol a sombra. (O Inefável é a luz; o GA, corpo; o mundo, sombra — a sombra projectada pelo denso quando iluminado pelo subtil. A luz está na circunferência e a sombra lançada para o centro. Isto tem alguma coisa a ver com o pt. dentro do c.?) (Cf. a ideia cabalística do En Soph retirando-se para dentro, manifestando-se dentro e não fora).

Iniciar um homem por um ritual complicado e mais ou menos impressionante e depois confiar-lhe, sob promessas de segredo e juras mais ou menos terríveis, que a Primavera vem depois do Inverno — isto nunca podia ter sido o plano de qualquer corpo ou sistema iniciático. Mas tê-lo-ia sido ensinar o contrário — que a Primavera, seguindo-se ao Inverno, é um símbolo de coisas maiores, que o natural é uma figuração do sobrenatural.

Isto, feito com mais ou menos pormenor, em símbolo, depois em doutrina, depois em revelação, é a essência de todas as verdadeiras iniciações, de Eleusis a Kilwinning.

Ordens de inic.: (1) através de símbolos e (mais tarde) explicações em si próprias simbólicas—cf. Pike; (2) através de doutrina simbólica, verdadeira ao seu nível, e explicações, já não simbólicas; (3) através de comunicação directa, embora não necessariamente falada ou expressa.

Não digo que estas coisas representem uma verdade e não digo que o não façam. Digo que este é o significado da iniciação, que é assim que a iniciação existe e que é para estes fins que ela existe.

s. d.

Fernando Pessoa e a Filosofia Hermética — Fragmentos do espólio. Fernando Pessoa. (Introdução e organização de Yvette K. Centeno.) Lisboa: Presença, 1985: 60.

Trad.: Maria Helena Rodrigues de Carvalho